

## DESTAQUES

Confira nessa edição, um texto do Antonio Carlos, sobre as perspectivas do governo petista. E para não fugir à regra, também trataremos da guerra (poeticamente).

# INTER AÇÃO

## ORGANIZAÇÃO

Alex Galvão  
Alan Willamy  
Carol Lima  
Gadafy Zeidam  
Henrique de Barros  
Jaqueline de Sousa  
Lidiane Oliveira  
Pedro Filho  
Susana Sousa  
Thiago Cabral  
Welton Braz

Política Filosofia Cultura  
Uma contribuição para a formação humana

Nº 10 Ano 01 Data 07/04/03  
Teresina - Rauf / UFPI - CCHL

## EDITORIAL

### Coordenação do Interação

Ronda, em nossa instituição, a sombra da greve. Não há que se discutir se todos concordam em não. Sabemos que nem todos têm mesmo opinião formada sobre o tão delicado assunto. Quais as razões, as reais necessidades, e o verdadeiro espírito do estado democrático de direito que são colocados à prova: essas são algumas das premissas com base nas quais consideramos, no mínimo, louvável, [posto que seria muito pretensioso chamar de justa] tal iniciativa.

Quem organiza esse humilde informativo, longe de saber as reais necessidades de cada professor que forma o grande corpo docente dessa instituição, tem apenas idéia de quais são as reivindicações, considerando as possíveis razões para justificar tal ato. O fato está posto. É que dentro de uma instituição tão grande, e com uma formação cultural tão heterogênea, é difícil indicar qual seria a linha de pensamento mais politicamente correta.

Poderíamos aqui destacar que a principal razão para tal iniciativa é uma questão previdenciária. Não há dúvida de que é um problema que interessa a todos. Principalmente quando se leva em consideração a péssima situação salarial em que se encontram os nossos digníssimos professores. Mas a questão é: até que ponto uma questão meramente econômica [sem desmerecer os seus efeitos] pode interferir na formação educacional de milhares de estudantes, prejudicando não só o semestre letivo, como toda uma vida escolar que pode ser retardada com tantas ingerências negativas. De um lado, professores não têm um salário digno da profissão que exercem com muita presteza, e de outro estão os alunos dessa instituição pública, que além de sofrer com as dificuldades da vida cotidiana, a escassez de recursos para um bom desenvolvimento educacional, sofrem ainda com essas paralisações que já parecem rotina nas universidades brasileiras.

É só com tristeza e lamento que podemos ver tal quadro, principalmente se considerarmos que muitos desses estudantes nem sabem o que está acontecendo. Não têm consciência das consequências disso no seu histórico escolar.

O que o Interação faz é trazer a questão para o debate, sem se posicionar contra ou a favor, até mesmo porque o que defendemos é uma política educacional que estabeleça um diálogo constante entre o corpo administrativo, os docentes, e os alunos, o que parece não existir aqui. A não ser que estejamos enganados.

## ARTIGOS

### QUE VENHAM AS MUDANÇAS

Antonio Carlos Costa Cruz - Estudante de Letras [UFPI]

"Em vários órgãos da administração direta e indireta, foi observado que a conduta compatível com a moralidade pública, o zelo, a dedicação e a lealdade às atribuições nem sempre esteve presente na forma de administrar. O estado pagou um alto preço, com conseqüências graves sobre os mais variados setores da atividade pública".

O leitor (a) pode até imaginar que estas palavras foram proferidas por algum membro do governo que assumiu em 1º de janeiro de 2003. E se assim procede, é porque claro está que a situação atual comporta perfeitamente a avaliação acima. Mas trata-se de um trecho do discurso de Hugo Napoleão ao assumir o poder em novembro de 2001, graças a um rumoroso processo judicial que culminou com a cassação de Mão Santa.

Freitas Neto, ao assumir em 1991, assim se expressou: "Assumo o governo em momento tormentoso, em que as dificuldades são marcadamente presentes, quer no âmbito do social, quanto no do econômico e do administrativo". Seu antecessor, como se sabe, foi

Alberto Silva, cujo governo é apontado como o mais desastroso dos últimos tempos.

As citações acima, colhidas do jornal Diário do Povo (22/12/2002) servem para mostrar com os gestores da coisa pública sempre assumiram acusando os antecessores. E para nosso desânimo, ao exercerem seus mandados, cometem os mesmos atos contra os quais tão veementemente se colocaram, gerando uma triste situação em que se poderia até economizar tempo na elaboração do discurso de posse. Era só usar os anteriores, alterando os nomes e as datas.

Os governantes que assumiram em 1º de janeiro de 2003, e agora já nos reportamos aos governos estadual e federal, apontam para uma mudança de rumo no trato da coisa pública. E tanto o povo deposita neles esperança que compareceu em peso às cerimônias de posse. Aqui se fala em 17 mil pessoas; lá em 200 mil. Lula foi alvo, segundo a imprensa, da maior manifestação popular já feita em prol de um presidente.

Não se quer aqui trilhar o repisado caminho de mostrar que se faz necessário que os governantes tratem a coisa pública com honestidade, competência, etc. Quer-se apontar uma característica do povo brasileiro a nosso ver pernicioso. Trata-se da ilusão de considerar o governo uma entidade cuja capacidade de fazer dinheiro é ilimitada.

Diante de tal convicção, tudo se faz (ou deixa-se de fazer) quando o que está em jogo é contribuir para aumentar as despesas do Estado. A lista do "tudo se faz" comporta desde o político de alto coturno que legisla em causa própria ao motorista da repartição que desvia a rota para almoçar em casa, passando pelo empreiteiro ou fornecedor que superfatura preços; Por seu turno, o "deixa-se de fazer" compõe-se da incompreensível postura de não jogar o lixo em receptáculos à passividade diante de um cano estourado. O leitor (a) decerto é capaz de imaginar inúmeros exemplos, em ambos os casos.

## SOMOS TODOS IRAQUIANOS

Mario Sergio Conti - De Paris [nominimo.com.br]

Na edição de 12 de setembro de 2001, "Le Monde" fez um editorial sobre os atentados terroristas nos Estados Unidos cujo título adquiriu um status que ultrapassou os limites do jornalismo: "Somos todos americanos".

O editorial se solidarizava com as vítimas dos ataques ao World Trade Center e ao Pentágono, com o povo americano e, via deslizamento semântico, com a retaliação que a Casa Branca viesse a adotar. O plural majestático do título simbolizava não só a identificação do jornal, como da França e de toda a Europa, com cruzada contra o terror.

George W. Bush usou a expressão "cruzada contra o terror" no seu primeiro pronunciamento de improviso depois do 11 de setembro. Passaram algumas horas e o serviço de imprensa do governo emitiu uma nota na qual o presidente pedia desculpas pelo emprego da palavra "cruzada" pejada de conotação negativa por lembrar os massacres de árabes que o catolicismo europeu perpetrou na Idade Média. (Por "massacres" entenda-se execuções em massa, tortura, terrorismo, estupros sistemáticos, ocupação territorial e até canibalismo).

\*\*\*

O jornal espanhol "El Mundo", de rumbudas credenciais conservadoras, defendeu o desarmamento pacífico do Iraque desde o início da crise nas Nações Unidas. Ele convocou abertamente as manifestações contra a guerra do sábado, 15 de fevereiro, que se espalharam pelo planeta. Na Espanha, quase dois milhões de manifestantes em Madrid, e um milhão em Barcelona, foram às ruas para protestar.

No dia seguinte, domingo, os kioskes parisienses ficam fechados, já que os jornais não circulam. Um dos poucos que abre fica perto de

casa, na Avenue des Gobelins. E lá estavam expostas as primeiras páginas de jornais ingleses, italianos, belgas, tchecos, húngaros, alemães, austríacos, portugueses, poloneses, todas elas com as marchas contra a guerra.

A melhor, disparado, era a do jornal espanhol, que teve a audácia de colocar reticências depois do logotipo e, abaixo, reticências antes da manchete:

"El Mundo...  
...Contra a Guerra"

E abaixo só uma foto, enorme, da manifestação em Paris. "El Mundo" mostrava que os europeus haviam deixado de ser os "americanos" do "Le Monde" pós-11 de setembro.

Hoje somos todos iraquianos. Não, não caem mísseis em Madrid, Paris ou São Paulo. Caem em Bagdad. Mas estamos todos à mercê da máquina de morte americana.

Estamos sendo derrotados pela armada americana. As vozes do mundo não são escutadas. O poder do diálogo, da diplomacia e do argumento não são nada frente à força material do Império. A globalização é uma falácia: o que vale é a funda raiz nacional do Império.

A derrota nunca é absoluta. Mesmo o mais poderoso Império chega ao fim.

\*\*\*

Ao anunciar a guerra, Bush apareceu sendo penteado e maquiado, fazendo caretas e rindo, antes de se empertigar e interpretar o papel de líder seguro e sereno, ladeado por dois porta-retratos, um com as filhas e o outro com a mulher e o cachorro.

Ao revidar a guerra, Saddam Hussein apareceu de óculos enormes, folheando desajeitadamente um absurdo bloco de notas, lendo aos trancos e barrancos um texto escrito à mão. Às vezes pegava um outro papel, onde estavam anotados versículos do Corão. Segundo arabistas (é: aqui também a televisão está cheia de especialistas os mais variados), cometeu erros de concordância e repetiu frases. Chamou o seu inimigo de "pequeno Bush" e "Bush Júnior". Dias antes, o ditador já aparecera na televisão com um enorme charuto, tendo um frouxo de riso ao se referir a Bush.

Apesar de toda a esquisitice de Saddam, a aparição de Bush chamou mais a atenção dos franceses. Principalmente o cachorro no porta-retratos. Numa noite sombria, os únicos momentos de alívio na televisão foram os de comentários, inúmeros, sobre o cachorro. Um apresentador convidou os espectadores a imaginar Jacques Chirac fazendo um pronunciamento na televisão ao lado de um retrato da primeira dama, Bernadete, e provocou gargalhadas nos seus colegas de telejornal. E ainda mais num pronunciamento em que declarasse uma guerra, comentou outro. Mais risadas. Outro indagou se alguém sabia se Chirac tinha um cachorro. Ninguém sabia. Mas haveria lugar no Elysée (o palácio presidencial) para um cachorro?, perguntou um terceiro. Ninguém sabia.

São mundos diferentes, o de Bush, o de Saddam e o de Chirac.

\*\*\*

Mas qual Saddam apareceu na televisão? Um outro especialista francês analisou uma penca de retratos do ditador e de seus sócios num computador. Fez projeções, registros tridimensionais e concluiu: era Saddam mesmo. Um especialista fez a mesma coisa e atestou que não era ele. Entrevistaram uma mulher, que passou num teste de polígrafo que confirmou dizer a verdade ao afirmar que havia sido amante de Saddam, e ela garantiu já não lembro o quê. A CIA fez testes de voz e atestou que era Saddam.

Mas um Saddam em qual tempo: antes ou depois do início do bombardeio? Um Saddam que foi ferido (como quer o "Washington Post") ou está são e salvo (como diz o ministério da Informação iraquiano)? Tal como Osama bin Laden, vai ser difícil encontrar Saddam. Ele, e seus sócios, e clones, são multidão. Não morrerão nunca. E se morrerem virão outros nascidos do desespero, da humilhação, da miséria, e dos impasses de um sistema, o capitalismo, e de sua construção geopolítica maior, o Império, cuja dinâmica é a de produzir Saddans pelo mundo afora.

Somos todos iraquianos e temos de nos haver com vários Saddans. E com um Império.

\*\*\*

O capitalismo não gera apenas Bin Laden, Saddam ou Saddans. Gera Jacques Chirac, que está com 90% de aprovação nas pesquisas de opinião e até há pouco era um presidente desprestigiado e inócuo. Gera Fidel Castro, que aproveitou a crise para encanar alguns dissidentes. Gera Tony Blair, que pilota o maior porta-aviões do Império, imóvel no Mar do Norte, do outro lado do Canal da Mancha. Gera Ariel Sharon, que promove a demolição metódica de uma nação.

E gera Luís Inácio Lula da Silva, cuja cadela foi fotografada num carro da Presidência da República.

Não se trata de gritar: escândalo! Ou de perguntar se ela também estava sendo levada ao veterinário, como a cadela Orca, do funesto ministro Antonio Magri. Ou de pretextar indignação moral. E muito menos de dizer que todos os políticos são iguais.

Mas chamar uma cadela de Michele, olha, parece coisa do Bush.

## CULTURA E LAZER

### INTERATIVIDADE

Lidiane Oliveira, Carol Lima e Alan Willamy

#### EVENTOS

**Nesta** Segunda-feira [07.04], terá início as inscrições para o IX Chapadão; esta é a chance para os músicos amadores entrarem no cenário musical piauiense. A primeira eliminatória será em maio.

**A partir** de Terça-feira [08.04], acontece na Casa da Cultura, a IX mostra do Salão de Fotografias.

**Na quarta-feira** [09.04], no Happy Hour 'Boca da Noite', terá Imperador Tao (rock), e na próxima: quarta [16.04], Conspirador de rua (hip hop). Esta programação estará sujeita a modificações.

**Quinta-feira** [10.04], você poderá curtir o bom e velho rock n' roll dos anos 80: Iral no Atlantic City, e mais: Amigos do Vigia e Carbone 14, para abrir o evento. Na Mesa 18, tem quinto elemento e Q.I. 69; na próxima Quinta, confira Danna Margot e Vaginal Club.

**Sábado** [12.04]. Você nunca viu nada igual! Primeira Tenda Pop Rock, no Clube de Engenharia com as bandas: Mano Crispim e Mapa Mundi; o evento promete fazer você voltar aos anos 80, ao repertório de bandas da época (Capital Inicial, Legião Urbana, Iral, U2 e outros) e não pára por aí. Tem ainda: Escalada: vertical, Tenda mística, Tenda eletrônica e outras surpresas.

**O Complexo** Templum Pantheon, em conjunto com o Toda Lua, promete marcar as noites de quarta com o mais novo Happy Hour: Circuito Universitário de Cultura e a bola da vez, nesta próxima quarta-feira [16.04], é Kiko Zambianchi, e mais 8 bandas, dentre elas Amigos do Vigia e Doctor Bean.

#### DISCOS

**Cássia Eller - Dez de Dezembro**  
Álbum com nove canções inéditas, para relembrar a cantora que faleceu em 2001. Nessa alegre homenagem, vale conferir a faixa 'No Recreio'. Com a produção de Nando Reis, este álbum está sendo considerado um dos melhores cd's póstumos.

#### CINEMA

**O Filho da Noiva**  
**Teresina 1 [16:00 - 18:20 - 20:40]**  
Filme Argentino realizado durante a crise atual que assola o país. Extremamente intimista e emocionante. Na história, um homem de meia idade vê seus conceitos "balançados" após um infarto. Seu pai deseja casar-se na igreja com sua mãe (após 44 anos de relacionamento). Esta porém tem Mal de Alzheimer e a igreja não quer realizar a cerimônia. Entre dramas familiares paralelos e diálogos imbatíveis, temos uma pequena obra-prima de nossos "Hermanos".

## IPSIS LITTERIS

Compilação por Pedro Alves Lira Filho

Como qualquer ser humano de bom senso e um pouco de humanidade (caráter atribuído àquele que é homem[?]), nossa amiga Aline Mara não agüenta mais aquele discurso falso de liberdade, cheio de retórica e recursos linguísticos que enebriam um "distraído estudante" que faltou à aula de história ou geografia porque foi jogar videogame ou assistir ao Spiderman saboreando sua coca-cola com um belo cheeseburger ouvindo Britney Spears. Concordando com a mesma, este vosso colega recebe seu texto para nossa reflexão: não somos ninguém para decidir sobre a existência de guerras, mas guerras não podem decidir a existência de ninguém.

#### RADAR DO PÂNICO

"A guerra explodiu à meia-noite  
Meu relógio parou  
Alguém se emocionou com o medo  
Mas o poeta chorou  
E não quis ser eterno  
Enquanto alguns diziam Amém  
O calor deu uma trégua  
Quase sonhei com inferno  
Ouví estrondos do meu travesseiro  
E na esperança fútil  
E no desejo inútil  
Choveu a fúria ácida do desespero  
Acho  
Que não serei uma comédia  
A partir de ontem  
Uma espada me atravessa  
Tão talvez quanto o satélite  
Assustei-me quando o trem passou  
E sempre sinto medo  
Quando o silêncio aporta  
Na minha solidão  
O café tem cheiro de pólvora  
O almoço não tem gosto nenhum  
Querem fazer jejum  
E eu quero acreditar em Deus  
Se for possível ter paz  
Se for de avião  
Não quero mais chegar ao céu..."

Aline Mara de Almeida Rocha é estudante de Letras Português no 7º período da UFPI e poetisa além de professora da rede municipal em um programa destinado à educação de moradores da zona rural.

## ARTIVIDADES



Thiago Cabral